

DISCURSO COMO AÇÃO POLÍTICA NA REPÚBLICA ROMANA: A PROPÓSITO DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

Sônia Regina Rebel de Araújo*

Abstract

This article aims to discuss political issues of the Roman Republic in the context of the Catilinian War in 63 BC and offers an analysis about two decisive moments: the confrontation between Julius Caesar and Cato Minor's political positions, and the repression of the catilinarians by Cicero. The passages about this movement are Plutarch's "Caesar" and "Cicero"; Appian's "Civil Wars", II, 1-7; Sallust's "Catilinian Conspiracy", 50-61.

Keywords: Roman Republic; Catilinian Conspiracy; discourse analysis.

Resumo

Este artigo procura discutir os temas políticos da República romana no contexto da Guerra Catilinária em 63 a.C. e oferece uma análise de dois momentos decisivos: o confronto entre as posições políticas de Júlio César e Catão, o Jovem, e a repressão dos catilinários por Cícero. As passagens sobre esse movimento estão em "César" e "Cícero" de Plutarco; as "Guerras Cívicas", II, 1-7 de Apiano; a "Conspiração Catilinária", 50-61 de Salústio.

Palavras-chave: República romana; conspiração catilinária; análise de discurso.

A Conjuração de Catilina: prolegômenos

A Conjuração de Catilina deu-se por volta do ano de 63 a.C., durante o Consulado de Cícero. Os primórdios dessa conspiração prendem-se a anos anteriores, pelo menos 65 a.C., quando Lúcio Sérgio Catilina vislumbrou no acesso a altos cargos públicos, especialmente o consulado, a solução para suas enormes dívidas, pois estava arruinado. Nada conseguindo, sendo derrotado para a eleição de Cônsul no ano de 63 por Cícero, um *homo novus*, apoiado pelos senadores como único político capaz de derrotar Catilina,

* Professora Adjunta de História Antiga do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da UFF. Membro do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antigüidade (CEIA) / UFF.

juntou-se a outros homens nobres, mas arruinados como ele, para tramar o assassinio de senadores e de autoridades, inclusive do Cônsul. A conjuração foi denunciada a Cícero, que o expulsou de Roma, logo após ter pronunciado a *I Catilinária* no Senado no dia 8 de novembro de 63, tendo ido juntar-se a suas tropas chefiadas por Mânlio na Etrúria. No dia seguinte, 9 de novembro, Cícero pronunciou a *II Catilinária*, considerada a mais perfeita de suas orações, na assembléia popular.

A *III Catilinária* foi pronunciada no dia 3 de dezembro, logo após a prisão dos principais conjurados e da reunião das provas materiais da conspiração. O Senado deliberou, a seu pedido, pela continuidade da detenção dos envolvidos na conjura. No dia 5 de dezembro, Cícero reuniu o senado para ouvir sua opinião sobre a sorte dos rebelados. Foi nessa ocasião que pronunciou a *IV Catilinária* e em que se deu o famoso debate entre César e Catão, o que constitui nosso objeto principal de análise, pois tal debate expressou o cerne das questões que cindiam a República. César falou depois do cônsul designado, Silano, que afirmara a necessidade de condenação à morte dos catilinários, propondo sua prisão perpétua e confisco de bens. Sua habilidade foi tamanha que fez com que o próprio Silano voltasse atrás, mudando seu voto. Catão, em seu discurso, tenta arrolar César entre os catilinários, e propõe a pena de morte, voto este acompanhado pela maioria dos senadores. Após o discurso de Catão, Cícero acha-se autorizado a mandar executar os prisioneiros. A conjuração foi debelada pelo Cônsul e Catilina morto no campo de batalha.

Embora todas as fontes – inclusive Salústio – concordem em apontar o mau caráter de Catilina, indivíduo vicioso segundo os autores, há fortes discordâncias entre o relato de Cícero e o de Salústio no que tange ao fim de Catilina: pusilânime, segundo Cícero, marcado por grande dignidade, de acordo com Salústio. Há diferenças notáveis entre as circunstâncias que cercaram os dois discursos, pois Salústio os reelabora, opondo César a Catão, enquanto outras fontes, especialmente Plutarco, mostram que outros senadores falaram, uns apoiando César, outros Catão, neste caso, propondo a morte dos conjurados sem julgamento regular.

A atuação de César e de Catão foi narrada por diversos autores: Plutarco, Apiano, Suetônio, Salústio, além do próprio Cícero, na *IV Catilinária*, são os principais. Para a presente discussão, importa-nos situar o contexto do embate entre César, líder dos *popularis*, e Catão, da facção conservadora, de resto, àquela época, dominante, representada por Cícero e Silano, além de Catão. Para isto, apoiamo-nos nos relatos de Plutarco e Apiano, principalmente porque é nessas narrativas que aparece a menção ao fato de César ter sido arrola-

do como um dos catilinários, o que explica a virulência do discurso de Catão reagindo à proposta de César de se poupar a vida dos conjurados.

Mas o fulcro de nossa análise reside nos dois discursos recuperados, ou talvez recriados, por Salústio¹. Afirmamos que tais discursos são, eles mesmos, uma atuação política, indicam um agir, um fazer, na República em crise. Também importa-nos seguir o relato de Salústio sobre o combate final em que Catilina é morto pelas forças romanas, pois neste relato percebe-se a posição política popular de Salústio, cujo relato foi seguido de perto por Apiano e que contrasta fortemente com o de Cícero. As facções que cindiram a República, cisão que resultou em sua derrocada trinta anos depois, já estão presentes nesta ocasião.

1. A conjuntura que cercou os pronunciamentos de César e de Catão

Cícero reuniu as provas contra os conjurados apreendidas com os embaixadores dos Alóbrogos e, após a prisão de Lêntulo e Cétego, soube que os escravos destes rondavam a prisão onde seus amos estavam custodiados para libertá-los (APIANO, *Guerras Civis* II, 5). Saiu a toda pressa do Senado para tomar providências e o cônsul eleito, Silano, tomou a palavra pedindo a condenação à morte dos réus.

Ocorre que César não estava isento de suspeita de ser um dos catilinários, como atestam várias fontes:

*Caio César, que não estava limpo de suspeita de estar em convivência com os conspiradores, ainda que Cícero não se atrevesse a levar a julgamento público também a este homem, a quem o povo era grato em demasia, propôs que Cícero repartisse os conjurados pelas cidades da Itália que julgasse oportunas, até que já uma vez derrotado Catilina no campo de batalha fossem submetidos a um julgamento regular, e que não se executasse nenhuma ação irreparável (...) contra homens nobres (APIANO, *Guerras Civis* II, 6).*

Observe-se o relato de Plutarco:

Pisão e Catulo também reprimiram Cícero por haver poupado César, que se expusera muito no caso Catilina. Planejava este não apenas mudar a constituição, mas ainda destruir as autoridades e

sacudir a República de alto a baixo. (...) Em Roma, deixara Léntulo e Cétego para substituí-lo à testa da conjuração. César ter-lhes-ia oferecido ajuda e estímulo? Não se sabe ao certo. Todavia, quando os dois homens foram considerados culpados por esmagadora maioria do Senado e Cícero, então Cônsul, solicitou o parecer de cada um a respeito da punição, todos os senadores, até chegar a vez de César, opinaram pela morte. Mas César, levantando-se, saiu-se com um discurso estudado onde sustentou que, afora casos de extrema necessidade, não lhe parecia conforme aos costumes ancestrais e à justiça executar homens que se distinguiam pela posição e nascimento. E acrescentou: 'Se ficarem presos nas cidades da Itália que o próprio Cícero escolher, até Catilina ser completamente batido, o Senado poderá decidir em paz e com vagar a sorte de cada um deles' (PLUTARCO, *Vida de César* 7).

A opinião de César pareceu tão humana e equilibrada que o próprio Silano voltou atrás e mudou seu voto, renunciando à condenação dos conjurados à pena máxima, como se pode ler em Plutarco, tanto em *Vida de Cícero* 21 quanto em *Vida de César* 8. Após esses fatos, vários senadores, pensando que seria mais vantajoso para o próprio Cícero não condenar tão notáveis cidadãos romanos à morte, começaram a expressar apoio à opinião de César, quando Catulo e Catão, tomando a palavra, expressaram a necessidade de se decidir pela pena máxima.

1.1. O recuo de Silano

*Essa opinião pareceu tão humana e foi expressa com tamanha força oratória que não só os que falaram depois de César a perfilharam, como muitos dos que já haviam discursado antes voltaram atrás. Chegou então a vez de Catão e Catulo tomarem a palavra. Opuseram-se violentamente à proposta de César, chegando Catão a levantar suspeitas contra ele em frases agressivas (PLUTARCO, *Vida de César* 8).*

A esse parecer indulgente (o de César) emanado de um homem habilíssimo no falar, Cícero acrescentou um notável complemento: tomando por seu turno a palavra, manobrou nos dois sentidos, isto é, ora apoiando a primeira proposta, ora a de César. Os amigos de Cícero, cuidando de que a de César seria vantajosa para ele, (pois ficaria me-

nos sujeito a acusações se não enviasse os conjurados ao suplício) preferiram adotá-la também, embora o próprio Silano, voltando atrás, se desculpasse alegando que na verdade não aludira à pena de morte, pois, acreditava, a prisão era para um senador o supremo castigo. Catulo Lutácio, ao ouvir essas palavras, foi o primeiro a se opor. Catão, falando depois dele, repisou as suspeitas que pairavam sobre César, e conseguiu inspirar aos senadores tamanha fúria e coragem que votaram a morte dos conjurados (PLUTARCO, *Vida de Cícero* 21).²

O próprio Cícero narra, na *IV Catilinária* 4-5, o teor dos discursos de Silano e de César, ocasião em que, com enorme habilidade oratória, oscila entre as duas opiniões, ora afirmando ser a de César mais humana, ora optando pela justiça da opinião de Silano.

1. 2. Resumo dos discursos

Vejo porém que há duas opiniões: uma a de Décimo Silano, o qual julga deverem ser punidos de morte os que semelhante assolação procuraram; outra, de Caio César, que exclui a pena de morte e aprova todo o rigor dos demais castigos. Ambas de suma severidade (...). O primeiro remata em que não se deve conceder um momento de vida (...) àqueles que a todos nós e ao povo romano quiseram tirar a vida, assolar o império e extinguir o nome romano (...). O segundo diz que a morte não fora ordenada pelos deuses imortais para castigo, (...) porém que a prisão, e esta perpétua, fora inventada para castigo de delitos atrozes. Por isso determina que se os distribua pelos municípios [da Itália] (CÍCERO, *IV Catilinária* 4).

2. Os Discursos de César e de Catão recriados por Salústio

2.1. O Discurso de César

Os argumentos

Mas César, quando chegou sua vez, ao lhe pedir o cônsul o voto, disse as seguintes palavras (SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina* 50):

“Todas as pessoas, senadores, que deliberam sobre questões controvertidas, devem estar isentas de ódio, amor, rancor e compaixão. Dificilmente o espírito divisa a verdade quando ocorrem tais senti-

mentos e ninguém pode servir ao mesmo tempo às paixões e ao seu dever. (...) Iguamente, em todas as guerras púnicas, embora com freqüência os cartagineses (...) cometessem muitos crimes execráveis, jamais nossos antepassados, quando tiveram oportunidade, praticaram atos semelhantes: preocupavam-se mais em agir de acordo com sua dignidade do que poder aplicar-lhes justos castigos. De igual forma, senadores, deveis acautelar-vos para que a vossos olhos o crime de P. Lêntulo e de seus cúmplices não tenha mais importância do que vossa dignidade e cuideis mais de vossa ira do que de vossa reputação. Pois, se encontramos castigo proporcional aos atos praticados, aprovo a decisão sem precedentes, mas se a grandeza do crime supera toda imaginação, sou de parecer que se devem aplicar as medidas previstas nas leis.

A maioria dos que falaram antes de mim lamentou com arte e beleza as desventuras da república.(...) Mas – pelos deuses imortais! – a que visa este tipo de discurso? Acaso para nos levar a odiar a conjuração? Quer dizer que a quem um fato tão grave e tão cruel não comoveu, a ele um discurso irá inflamar? Não é assim. (...) Assim, quanto maior é a fortuna, menor é a liberdade; não devem ter paixões, nem odiar, muito menos encolerizar-se. O que nos outros se chama irascibilidade, tem o nome de arrogância e crueldade quando se está no poder. Quanto a mim, senadores, penso que os castigos são menores do que os crimes desses homens. (...)

A insinuação de proscricções

Estou convencido de que Silano, homem corajoso e bravo, o que disse, disse-o por amor à república, nem em assunto de tão grande relevância nele interferiu a simpatia ou a inimizade (...) No entanto, seu voto não me pareceu cruel – o que poderia parecer cruel para homens como esses? – mas estranho à prática republicana. Pois de duas, uma: ou o medo ou a enormidade do crime te levou, Silano, Cônsul designado, a propor um tipo de castigo sem precedentes. De medo é supérfluo falar; uma vez que por empenho de nosso tão ilustre cônsul temos um grande número de homens de arma na mão. Da pena posso falar o que realmente é: no luto e nas misérias, a morte é descanso das aflições, não é um tormento; é a libertação de todos os males; além dela não há lugar nem para preocupação nem para alegria. Mas – pelos deuses imortais!

*– por que não acrescentaste ao teu parecer que em primeiro lugar fossem eles açoitados? Será porque a lei proíbe? No entanto, outras leis igualmente prescrevem que não se tire a vida aos cidadãos condenados, mas lhes facultem o exílio. Será porque é mais grave ser açoitado do que ser entregue à morte? Pode haver punição rigorosa e cruel demais para homens culpados de tais crimes? Se, ao contrário, porque é mais suave, como então aceitar que se tema a lei em questões menores, quando não a levamos em conta nas menores? (SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina* 51)*

A proposta

*Meu voto será então soltá-los e aumentar o exército de Catilina? De forma alguma. Meu parecer é o seguinte: que se confiscuem seus bens, permaneçam presos nos municípios mais providos de recursos, que no futuro possa levar o caso à deliberação do senado ou o discuta perante o povo: quem contrariar esta proibição o senado declarará ter agido contra a república e a salvação de todos (SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina* 51).*

2. 2. O Discurso de Catão

*Bem diferente é meu ponto de vista, senadores. Quando analiso a situação e os perigos que corremos e quando me ponho a refletir comigo sobre as propostas de alguns de nós. Eles parecem ter discorrido sobre as penas daqueles que preparam a guerra à pátria, aos pais, aos seus altares e seus lares; (...) Com arte e talento César há pouco discorreu sobre ávida e a morte, tendo a meu ver feito juízo equivocado sobre as tradições relativas aos infernos, segundo as quais os maus, por caminhos diferentes dos bons, ocupam lugares sombrios, selvagens, horríveis e pavorosos. Seu parecer foi de que se confiscassem os bens dos culpados e fossem mantidos em prisão, nos municípios, com medo de que, se permanecessem em Roma, poderiam ser libertados pelos partidários da conjuração ou por uma multidão mercenária: como se existissem maus e criminosos apenas em Roma e não em toda a Itália, (...) Por isso essa medida é inócua, (...) (SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina* 52).*

Conspiram contra a pátria cidadãos da mais alta nobreza: convocaram para a guerra a nação gaulesa, de todas a mais hostil ao nome romano; o comandante dos inimigos, com seus exércitos, é

ameaça às nossas cabeças. Vós, ainda assim, contempORIZAIS e vacilais sobre o que fazer com os inimigos flagrados dentro de nossas muralhas? Tende compaixão deles [...] Oxalá essa vossa mansidão e comiseração não se transformem em aflição, se um dia vierem eles a brandir essas armas (SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina* 52).

[...] é pela vigilância, pela ação, pelas decisões que tudo chega a bom termo. [...] No tempo antigo, A. Mânlio Torquato, durante a guerra contra os gauleses, mandou matar seu filho, por ter ele, contra suas ordens, combatido contra o inimigo e esse jovem excepcional pagou com a morte sua coragem excessiva; vós para decidir sobre a sorte de assassinos de extrema crueldade, vós hesitais? (SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina* 52).

A proposta

É por isso que meu parecer é o seguinte: uma vez que por execrável conluio de cidadãos criminosos a república correu os maiores riscos e eles, segundo denúncias (...) dos embaixadores alóbrogos tiveram de admitir e confessaram que prepararam chacinas, incêndios e outros crimes abomináveis e cruéis contra os cidadãos e a pátria, sejam, segundo suas confissões, condenados à morte de acordo com o costume dos antepassados, como se tivessem sido surpreendidos em flagrante delito (SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina* 52).

2.3. Avaliação ciceroniana dos dois discursos: qual a proposta mais humana?

Na *IV Catilinária*, Cícero rebate com habilidade política e eloquência a proposta de César, alegando que para um romano de nível senatorial a perda dos bens e da liberdade é mais cruel e penosa do que a morte. O Cônsul planejava executar os catilinários presos e o discurso de César, assim como o recuo de Silano, poderiam prejudicar sua ação. A opinião de Catão veio, por fim, dar-lhe argumentos para reprimir com sucesso a rebelião.

Grave pena impõe aos municípios, se alguém os soltar das prisões; cerca-os de guardas, (...), estabelece que ninguém por autoridade do Senado ou do povo possa mitigar a pena dos condenados; (...) manda-lhes ademais confiscar os bens; só a vida deixa aos delinquentes, a qual se lha tirassem com uma dor os livraria de muitas da alma e do corpo e de todas as penas de seus delitos (CÍCERO, *IV Catilinária* 4).

Agora, Padres Conscritos, se seguirdes a opinião de César, como este tem seguido na república o caminho que se chama popular, talvez eu tenha menos que temer os tumultos do povo, sendo ele o autor e o sustentador desse projeto; se abraçardes a outra, não sei se terei mais o que fazer; mas não obstante, prevaleça o bem da República às razões de meus perigos. (...) Portanto não duvida aquele mansíssimo e clementíssimo varão a condenar Léntulo a prisões e eternas trevas; e resolve para o futuro que ninguém se possa jactar de aliviar o suplício deste e ser popular à custa da desgraça do povo romano. Acrescenta também o seqüestro de bens, para que a todos os suplícios da alma e do corpo se siga a pobreza e a mendicidade (CÍCERO, IV Catilinária 5).

[Ou se aprova o ponto de vista de César] ou queirais seguir antes a sentença de Silano, fácil me será a mim e a vós livrar-nos da censura de cruéis; e ainda conseguirei que se diga que esta última sentença fora a mais branda. (...) Em delito tão atroz e nefando [a conjuração], julgo que não ter receio de ordenar coisa alguma com rigor, mas antes temer que, se suavizardes o castigo, mais vos terão por cruéis com a pátria, do que agora mui severos com inimigos crudelíssimos (CÍCERO, IV Catilinária 6).

Observa-se neste discurso de Cícero a sua condenação à política dos *popularis*, representados por César, e a tentativa de arrolá-lo entre os conjurados, pela menção ao temor que tal política deveria trazer para a República Senatorial. Por outro lado, reconhece que, se a sentença a seguir for a da morte, ele não tem mais o que fazer. Contrapõe com argúcia o bem da República à preservação da vida dos rebelados, ou seja, ele argumenta que o que se está votando é a desgraça para os catilinários ou da própria República.

Salústio traça então dois perfis de republicanos: mais do que de César ou de Catão, ele contrapõe valores importantes para a *res publica*, doçura e firmeza, clemência e severidade. Mostra que a generosidade de César era o refúgio dos desvalidos, mas a firmeza de Catão era um freio para os que queriam solapar a pureza republicana.

Comparação entre César e Catão

Eram então quase iguais em nascimento, idade e eloquência; a grandeza da alma igual, igual a glória, mas cada um à sua maneira: César se distinguia pelos favores e generosidade, Catão pela vida inatacável. Aquele se tornou ilustre pela doçura e clemência, a este

a severidade lhe conferia respeito. César granjeou a glória, dando, amparando, perdoadando, Catão, em nada prodigalizar. Um era o refúgio dos infelizes, o outro a desgraça dos maus. De César se louvava a afabilidade, de Catão a firmeza (SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina* 53).

3. A ação depois dos discursos: a execução dos conjurados e a ameaça à vida de César

3. 1. A repressão de Cícero aos catilinários

Nas passagens a seguir, contrapomos as narrativas de Apiano e de Plutarco com vistas a perceber as análises dos autores. O primeiro analisa o fato de Cícero ter pressa em executar os catilinários presos em Roma, num rito sumário, cheio de conseqüências para o próprio Cícero. Apiano releva também que vários catilinários não foram descobertos pelo cônsul, abandonando pusilanimente a rebelião pelo temor da pronta ação de Cícero.

*Como essa proposta [a de César de não matar, mas deter nos municípios italianos os conjurados] pareceu justa e aceitável, a maioria mudou de parecer totalmente até que Catão revelou já claramente sua suspeita em relação a César; e Cícero, que temia a proximidade da noite, – não fosse que a massa de homens implicados na conjura, que se mantinha ainda em suspenso no foro e temia por sua vida e pela dos conjurados, levasse a cabo um ato desesperado – persuadiu o senado a que fossem condenados sem julgamento por terem sido apanhados em flagrante. E ato contínuo, enquanto o senado continuava reunido, todavia Cícero trasladou a cada um deles desde as casas até a prisão sem que a multidão se inteirasse e contemplou sua execução. Logo regressou e comunicou aos que estavam no foro que estavam mortos. E eles se dispersaram, cheios de temor e contentes por eles mesmos não terem sido descobertos. (...) (APIANO, *Guerras Civis* II, 6).*

3. 2. A ameaça à vida de César

Os conjurados foram entregues ao braço do carrasco e, quando César saía do Senado, vários jovens que serviam de guarda a Cícero corre-

ram contra ele de espada desembainhada. Mas Cúrio, segundo se conta, cobriu-o com a toga e levou-o embora. Quanto a Cícero, a quem os jovens consultaram com o olhar, acenou negativamente a cabeça, fosse por temer o povo, fosse por julgar semelhante assassinato absolutamente injusto e contrário às leis (PLUTARCO, *Vida de César* 8).

Plutarco, por sua vez, insinua duas coisas importantes: uma, que César realmente se expôs no caso Catilina a ser arrolado como um rebelde, pois de fato sua atuação política era *popular*, e a outra, que a vida de César correu risco naquela circunstância, quase vinte anos antes de seu assassinato, de que Cícero não está totalmente isento de suspeita. Quando, em 58, começaram as perseguições a Cícero, que teve sua casa incendiada e se exilou de Roma, o pretexto para tal foi o de Cícero ter agido ilegalmente no caso Catilina, executando sumariamente nobres romanos³ (PLUTARCO, *Vida de Cícero* 30).

3. 3. A morte de Catilina

Sobre a morte de Catilina, tanto o relato de Salústio quanto o de Apiano ressaltam a bravura deste em campo de batalha, a audácia guerreira que realmente poderia pôr a República a perder. Primeiramente, vejamos como Apiano narra esses acontecimentos:

Sem dúvida, Catilina havia reunido vinte mil homens, os quais havia provido de armas a uma quarta parte, e se encontrava a caminho da Gália em busca do restante dos soldados. Antonio, o outro cônsul, o alcançou ao pé dos Alpes e venceu sem dificuldade um homem que havia concebido loucamente uma empresa extraordinária e a havia tentado materializar (...) de forma ainda mais insensata. Não obstante, nem Catilina, nem nenhum outro membro da nobreza que estivera no complot julgaram digno escapar, senão que se lançaram contra o inimigo e pereceram. Assim acabou a conjuração de Catilina que por muito pouco escapou de pôr a cidade em perigo extremo (APIANO, *Guerras Civis II*, 7).

O número de vinte mil catilinários é exagerado, sem dúvida. Salústio, como veremos a seguir, fala em outra cifra. A batalha se deu nos contrafortes dos Apeninos nas proximidades da atual Pistóia, e o legado que a venceu não foi Antônio, mas Petrônio. Apiano ressalta, ainda, as honras que foram concedidas pela cidade ao

cônsul Cícero, homem de ação pela oratória, e tido como salvador da República, que recebeu os agradecimentos públicos da assembléia (ROYO, 1980, p.168).

O relato de Salústio, que inspirou os de Plutarco e Apiano, destaca a bravura dos catilinários e a audácia guerreira de Catilina, valente soldado e general. Consigna igualmente o perigo que Roma realmente sofreu, pois as lideranças dos catilinários eram de nobres romanos afeitos à luta e à guerra.

Quando chega ao acampamento de Catilina a notícia da derrota e execução dos catilinários em Roma, este marcha para os arredores de Pistoria, hoje Pistóia, com o propósito de fugir com suas forças para a Gália transalpina, mas cercado por Antônio estaciona ao sopé dos Apeninos, onde aguarda o combate final (SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina* 57). Dirige-se aos seus seguidores num discurso em que tenta infundir ânimo às tropas e lembra aos seus soldados que, uma vez cercados por duas legiões, uma vinda de Roma, outra da Gália, só lhes restava combater com coragem e audácia (SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina* 58).

O combate foi longo e sangrento, comandado do lado dos senadores, não por Antônio que estava doente de gota, mas por Petrônio, e pelo próprio Catilina. Se Catilina clama a seus comandados pela honra e coragem, Petrônio exorta seus soldados que “*não se esqueçam que estão lutando contra bandidos desarmados, em defesa da pátria, dos filhos, dos seus altares e lares*” (SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina* 59). Note-se que este argumento de que Catilina e seus seguidores eram “*bandidos desarmados*” aparece em Cícero, na *II Catilinária*, seção 11, sendo mesmo o eixo da argumentação do Cônsul que enfatizou, naquele discurso, usando habilmente antíteses, o verdadeiro exército, o senatorial, contra as “*trincheiras selvagens daquele ladrão*”. Cremos que Salústio, nesta passagem, dá voz a Petrônio, a Antônio, ou seja, aos romanos designados para combater Catilina, não é a sua própria opinião, que era bem diversa da de Cícero. Veja-se como Salústio narra a morte de Catilina atribuindo-lhe um final honroso:

Depois de passar tudo em revista, Petrônio faz soar a trombeta e ordena que as coortes avancem vagarosamente; o mesmo faz o exército inimigo. Depois que se chegou a uma distância onde os atiradores já podiam dar início ao ataque, com grande alarido lançaram-se à luta com os estandartes à frente; renunciam às lanças, combatem-se com a espada. (...) É de extrema violência o combate. Enquanto isso, Catilina desdobra-se na primeira linha, na companhia dos soldados ligeiros, socorre os que estão em dificuldade, (...) cuida de tudo, ele próprio luta intensamente, golpeia sem cessar o inimigo;

*desempenha a função ao mesmo tempo de soldado e de valente general. Quando Petrônio vê (...) que Catilina ataca com grande violência, lança uma coorte pretoriana no meio do inimigo e semeando a desordem mata-os (...) e aos que resistiam. (...) Catilina quando vê sua tropa em debandada e que lhe restam em volta apenas alguns companheiros, lembrando-se de sua origem e honra passada, atira-se contra o grupo mais cerrado do inimigo e aí, lutando, é coberto de golpes (SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina* 60).*

Os romanos enviados pelo senado pra combater a conjuração, segundo Salústio narra, não fizeram prisioneiros dentre os derrotados, todos pereceram em campo de batalha, e à alegria e ao alívio de se verem livres de tão grave perigo juntou-se a dor de perceber entre os inimigos abatidos vários parentes e antigos hóspedes (SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina* 61).

Conclusão

A recriação destes discursos por Salústio tem o mérito de apresentar as facções que cindiam Roma, à época em que Salústio os reescreveu, ou seja, das proscricções triunvirais. Daí a sua enorme importância, pela exaltação da figura de Júlio César, seu amigo, cuja morte é evocada sutilmente em seu texto. Salústio coloca na boca do chefe dos populares a menção às proscricções de Sila com o objetivo de condenar a política de perseguições do segundo triunvirato. Quanto a Catão, várias fontes informam que seu discurso foi recuperado por Salústio, graças aos estenógrafos que Cícero espalhou pelo Senado; tal discurso, na verdade, teria sido muito mais virulento do que o indica a recriação que dele fez Salústio.

Em outras palavras, a lembrança da ilegalidade da execução dos catilinários, por sua vez, evoca uma sucessão de ilegalidades da qual o próprio Cícero sofreu as conseqüências anos depois. A oportunidade de se lembrar a participação de César na conjuntura da revolta de Catilina prende-se à análise de outra conjuração, aquela em que o próprio César foi a vítima.

Documentação textual

APIANO. *Guerras Civiles*. Trad. A. Sancho Royo (trad.). Madrid: Gredos, 1980 (Biblioteca Clássica Gredos, 83).

CÍCERO. *Discours Catilinaires*. Trad. É. Bailly. Paris: Les Belles Lettres,

1950 (Coll. des Universités de France).

PLUTARCH. *Six Lives: Marius, Sulla, Crassus, Pompey, Caesar, Cicero*. Trad. R. Warner. London: Penguin Classics, 1991.

SALÚSTIO. *A Conjuração de Catilina*. Trad. A. da S. Mendonça. Petrópolis: Vozes, 1990.

Bibliografia

CANFORA, L. *Julio César: o ditador democrático*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BRUNT, P. *Conflits Sociaux en République Romaine*. Paris: François Maspero, 1979.

FINLEY, M. I. *A Política no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

FINLEY, M. I. (org.). *Estudios Sobre História Antigua*. Madrid: Akal, 1981.

GABBA, E. Per la Historia della Società Romana Tardo-Republicana. *Rivista Internazionale per la storia Economica e Sociale dell' Antiquità*. OPUS, fasc. I, 1982.

GIARDINA, A. *O Homem romano*. Lisboa: Presença, 1992.

NORTH, L. A. Democratic Politics in Republican Rome. *PAST AND PRESENT*, n. 12, feb., 1997.

Notas

¹ Ver a discussão excelente sobre o texto de Salústio em CANFORA, 2002, pp.84-91.

² É importante notar que a oposição César *versus* Catão é uma criação de Salústio, pois outros oradores, como Catulo Lutácio, que falara antes dele, também optaram pela condenação à morte.

³ Não há espaço neste texto para aprofundarmos uma discussão sobre a perseguição a Cícero. Uma boa discussão está em CANFORA, 2002.